



## Semana de Arte Moderna

Marcelo Pavanelli\*

Em fevereiro desse ano comemoramos os 90 anos da Semana de Arte de 1922, movimento que rompeu paradigmas na expressão artística em todas as suas formas mostrando primeiramente à elite paulistana e depois à toda sociedade brasileira que é possível fazer arte genuinamente nacional, livre, que expresse os valores e o pensamento do povo tropical sem perder de vista os clássicos, o acadêmico e suas formas estabelecidas, contudo, sem se limitar às métricas e amarras estéticas obrigatórias até então.

O movimento de 22 foi importante para colocar na mão do povo brasileiro o poder de contar suas histórias fazendo sua própria arte com suas próprias linhas, cores, formas e estilos. Isso não quer dizer que os modernistas queriam acabar com o estabelecido, com o acadêmico ou com o que vinha da Europa, mas, ao contrário, queria alimentar-se dessa cultura a fim de criar a partir de seus ensinamentos o jeito brasileiro de se expressar.

A antropofagia expressa no quadro *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, oferecido a Oswald de Andrade em 1928, reflete muito bem o que foi a semana de 22. O antropófago de pés grandes e cabeça diminuta sentado entre cactos tendo como testemunha apenas um céu azul é a representação do povo tupiniquim na visão do europeu: um canibal... um antropófago.

Então, se somos antropófagos, deglutiremos a cultura européia e nos apoderaremos dela a fim de, detendo esse poder, ficarmos mais fortes e capazes de criar a nossa própria cultura. Essa era a ideia. Esse era o propósito.

Para os mais moços, talvez isso seja um tanto incompreensível e não palpável. Contudo, os propósitos daquele movimento estão vivos até hoje e seus frutos podem ser vistos por todo canto. Arte é criada, recriada e “*descrida*” o tempo todo. Os recursos da informática permitem que imagens, vídeos e textos sejam manipuladas transformando



seus significados originais em novas obras. As mídias sociais fazem do anônimo um artista contemporâneo e permitem a expressão artística numa velocidade enorme.

Devemos ressaltar que há muita bobagem criada chamada de arte por seus fatores, mas não haveremos de fazer julgamento de valor, pois o que vale realmente é a expressão em si. Pega-se um pedaço daqui, um teco dali, dá uma ajustada acolá e... Eureka! Lá está um novo estilo, uma nova forma, um novo conceito.

A Semana de 22 nos libertou das amarras formais permitindo aos “Abaporus” criarem sua própria arte. Todavia devo alertar que fazer arte não significa a ausência total de limites e regras, pois, se assim for, ao invés de criativos e vanguardistas, continuaremos a ser enxergados com a cabeça reduzida com os “pézões” cravados na terra da estupidez.

Diminuamos nossos pés para ficarmos libertos do preconceito e das convenções que tanto mal nos fazem e aumentemos nossas cabeças reduzidas, não no sentido ósseo ou estrutural do termo, mas no sentido intelectual, para que nossos sentimentos sejam filtrados pelo bom senso que somente quem já experimentou a liberdade do conhecimento e já contemplou a luz da sapiência pode dizer como isso é bom e produtivo.

\*Docente da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

### **Na Roda da Fortuna (The Hudsucker Proxy, 1994)**

Daniel Gomes

Este é um daqueles filmes que, a priori, você não dá nada a ele. Olha para capa, vê a descrição do mesmo e acha que, por fim, é mais um daqueles que tem uma comediazinha aqui e ali e que no final tudo vai dar certo, mas, ledô engano. Este filme, sem sombra de dúvida, é uma das melhores sátiras já criadas pelos irmãos Coen, que, para quem não conhece, fizeram “pouquíssimos” conhecidos, como, por exemplo, Fargo, O Grande Lebowski, E aí Meu Irmão, Cadê você?, O Homem que não estava lá, Onde os Fracos não tem vez, etc, fazendo com que Na Roda da Fortuna tenha um requinte a mais em sua criação.

Vamos a sinopse:

“Na véspera do ano novo (1958), todos em Nova Iorque estão celebrando exceto Norville Barnes, o presidente das indústrias Hudsucker e que está se preparando para se suicidar, saltando do alto do edifício de sua companhia. Ele não seria o primeiro, pois, poucas semanas antes, o fundador e presidente anterior atravessou inexplicavelmente a janela da sala de reuniões de um andar acima no mesmo edifício. E morreu ao se estatelar no chão.

Norville acabara de sair da faculdade e estava com problemas para conseguir uma colocação, pois não tinha experiência. Até que se candidatou para uma vaga de mensageiro nas indústrias Hudsucker. Em seu primeiro dia, ficou incumbido de entregar uma carta azul (certeza de má notícia para os executivos) ao astuto acionista Sidney J. Mussburger que era o substituto natural de Waring Hudsucker, o presidente que acabara de se suicidar. Mas Mussburger estava preocupado, pois havia uma cláusula do estatuto da companhia que obrigava o novo presidente a ofertar ao público as ações de Hudsucker. Como essas ações representavam 87% da próspera corporação, os atuais acionistas, com certeza, iriam perder o controle dos negócios. A solução, segundo



Mussburger, seria convencer o mercado de que estavam à beira da ruína devido a morte do seu presidente. Com isso as ações iriam ficar baratas e ele e seus sócios poderiam comprá-las.

Para completar o plano, Mussburger queria escolher um incompetente para a presidência. Quando chegou à sala de Mussburger para lhe entregar a carta azul, Norville ficou nervoso e esqueceu de entregar o envelope e acabou por contar ao executivo a sua idéia: uma roda desenhada no papel, que ele explicou dizendo... "É para crianças, sabe" ("You know, for kids"). Mas ele cometeu tantas trapalhadas que o executivo foi parar no parapeito do edifício, quase despencando também. Mussburger foi salvo por Norville e assim se convenceu de que o mensageiro era o idiota perfeito para ser o presidente, indicando-o ao cargo.

Norville assumiu a presidência e recebeu plenos poderes para dar andamento ao seu invento. E para desgosto de Mussburger, o brinquedo foi um sucesso. Mas o executivo ainda tinha um recurso para prejudicar Norville e recuperar seu poder na empresa. E com isso levou o jovem presidente à beira do suicídio.”

O filme tange-se em dois fatores bem interessantes. Um, ele tem certo tom onírico por todo o universo que ele é criado. Muitas ações são hipervalorizadas ao ponto que o espectador acaba achando que, num mundo normal, isto não é tão natural assim, mas acaba que, ao se acostumar com o cenário deste novo mundo, acha que aquilo é a coisa mais natural que existe. O outro é a caracterização marcante dos personagens. Cada um deles está muito bem representado com o seu tipo de humor. O inocente, a sabida, o inescrupuloso, os manipuladores, o simpático, todo o tipo e sorte de personagens são encontrados neste mundo de insana harmonia criado pelos Coen.

A interpretação de Tim Robbins como Niville Barnes, o “caipira” recém-formado achando que, só porque fez faculdade tem o direito a uma vaga de executivo, é de uma maneira ímpar. São em poucos lugares que o espectador vai sentir na pele a saga do herói, de uma perspectiva única. Quando Niville Barnes chega a NY, com esperança, sente, de verdade, o que é o perigoso mundo do emprego, ao vivo e a cores.



E por falar em cores, o mundo empregado nesta Nova Iorque onírica leva o espectador a viajar junto com o personagem principal. Que, juntamente com a trilha sonora, da época e primorosamente bem aplicada, faz com que você se sinta realmente no tempo da década de 1950.

Sobre o tempo, existe um fator importante a se revelar, prestem sempre atenção porque muitos elementos que estão na tela naquele momento, ou serão explicados por uma curta passagem de texto, ou será mostrado visualmente, seja no passado, presente ou, até mesmo no futuro.

O seu final é de algo que o espectador, esperado eu, irá achar impressionante, pois, pelo menos, eu achei.

Na Roda da Fortuna é um filme desprezioso, que, de certa forma, faz uma crítica divertida sobre o mundo dos negócios. Mundo afora recebeu críticas tanto positivas como negativas e, uma pena, foi considerado fracasso de bilheterias. Mas o filme está aí, e vale a pena ver em DVD. Confirmam.

Nota 4/5.